

A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO E O TRATAMENTO DA VARIÇÃO LINGUÍSTICA

TEXTUAL PRODUCTION IN HIGH SCHOOL AND THE TREATMENT OF LINGUISTIC VARIATION

Anderson Azevedo Pio

Secretaria da Educação do Estado do Ceará

andpioh@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4249-9287>

Hugo Leonardo Gomes dos Santos

Universidade Federal do Ceará

prof.hugoleo13@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1180-8254>

Resumo

Compreendendo a variação linguística como um fenômeno que perpassa todas as atividades de ensino de língua materna, o objetivo desta pesquisa foi investigar como esse fenômeno é tratado em atividades de produção textual de um livro didático de língua portuguesa voltado para o 1º ano do ensino médio. A fundamentação teórica apresenta suas bases em trabalhos da área de Sociolinguística Educacional (BAGNO, 2007a, 2007b, 2013, 2017; BORTONI-RICARDO, 2004). Para a realização da pesquisa, o livro “Português: trilhas e tramas” (SETTE *et al.*, 2016), presente no PNLD 2018, foi selecionado e foram analisados (1) o “Manual do professor”, (2) o capítulo 17, “Variedades linguísticas”, e (3) as seis atividades de produção textual de gêneros orais e escritos presentes na obra. A partir dessas análises, foi observada a manutenção de duas relações estereotipadas, a saber, entre a língua escrita e a norma privilegiada e entre a língua falada e a variação linguística.

Palavras-chave: Sociolinguística Educacional; Ensino de escrita; Livro didático.

Abstract

*Drawing on the comprehension of linguistic variation as a phenomenon that permeates all native language activities, the aim of this research was to investigate how this phenomenon is treated in textual production activities of a Portuguese language textbook aimed at the 1st year of high school. The theoretical framework stems from studies within the area of Educational Sociolinguistics (BAGNO, 2007a, 2007b, 2013, 2017; BORTONI-RICARDO, 2004). In order to carry out the research, the textbook “Português: trilhas e tramas” (SETTE *et al.*, 2016), present in the PNLD 2018, was selected, and (1) the “Teacher’s Manual”, (2) the chapter 17, “Linguistic varieties”, and (3) the six textual production activities of oral and written genres present in the textbook, were analyzed. From these analyses, the maintenance of two stereotyped relationships was observed, namely, between the written language and the privileged norm, and the spoken language and the linguistic variation.*

Keywords: Educational Sociolinguistics; Teaching of writing; Textbook.

Introdução

No âmbito educacional, a importância de abordar a variação linguística é reconhecida e

amparada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e, mais recentemente, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dessa forma, os livros didáticos de português já apresentam propostas de trabalho em sala com essa temática, inclusive por ser uma exigência do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio (PNLEM) em respeito aos documentos citados. No entanto, a simples inclusão de um capítulo explicativo sobre o fenômeno da variação não é suficiente para combater o preconceito linguístico e, de fato, desenvolver uma consciência sobre o tema.

Existem alguns trabalhos acadêmicos que abordam esse problema, como o de Coelho (2007), que analisou nove livros indicados no PNLEM 2005/2006. No entanto, o foco desses trabalhos sempre tem sido o capítulo específico da obra relacionado à variação linguística. Esta pesquisa, entretanto, propôs uma investigação da variação em atividades relacionadas à produção textual, entendendo que a variação linguística é constitutiva do sistema da língua e sua abordagem na escola não deve se limitar às aulas de análise linguística.

É importante destacar que o livro didático não deve ser encarado como um limitador do trabalho docente, mas como ferramenta de auxílio ao professor. Então, o professor precisa conhecer as potencialidades e as limitações da obra, criando estratégias para utilizar essa ferramenta de maneira eficiente. Dessa forma, a variação linguística deve ser abordada pelo professor com o objetivo de desenvolver plenamente a competência comunicativa dos alunos, tanto na leitura, quanto na expressão oral e escrita.

Diante da importância do livro didático para o trabalho docente e da necessidade de abordar a variação linguística em atividades de leitura e produção textual, formulou-se, enquanto problema de pesquisa, a seguinte indagação: como o livro didático de língua portuguesa do 1º ano do ensino médio utilizado em uma escola de Fortaleza/CE aborda a variação linguística em suas atividades de produção textual?

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar a abordagem da variação linguística em atividades de produção textual de um livro didático de língua portuguesa voltado para o 1º ano do ensino médio. Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa, foram traçados os seguintes objetivos específicos: (1) descrever a abordagem da variação linguística proposta pelo livro didático de acordo com o “manual do professor” da obra selecionada; (2) descrever as atividades específicas de variação linguística presentes no livro; e (3) analisar as atividades de produção textual presentes no livro em relação à variação linguística.

O presente artigo apresenta cinco seções, das quais esta introdução é a primeira. A segunda

seção apresenta uma breve discussão sobre o conceito de variação linguística e sua relação com o ensino de língua portuguesa. A terceira seção aponta aspectos importantes para a compreensão do contexto da pesquisa, do livro selecionado, das atividades analisadas e dos procedimentos adotados para a realização da pesquisa. A quarta seção apresenta as análises desenvolvidas e a discussão de suas implicações didático-pedagógicas. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais da pesquisa.

Sociolinguística educacional: variação e ensino

A variação linguística é um processo em que duas ou mais formas linguísticas competem pela expressão de um mesmo significado ou uma mesma função gramatical. Esse fenômeno era tido pelos estruturalistas como aleatório e livre. No entanto, com os estudos desenvolvidos por William Labov, a variação passa a ser concebida como um elemento constitutivo do sistema linguístico, sendo sistemático, ordenado e, até certo ponto, previsível.

No âmbito escolar, a variação linguística foi tratada, durante muito tempo, como “erro” que deveria ser corrigido. Se um aluno falasse ou escrevesse de forma a transgredir a norma, era alvo de comentários do tipo “você não sabe falar português” ou “como você é burro” e era corrigido pelo professor que poderia dizer “isso está errado” ou “o correto é falar assim”. Essa prática foi denominada de “preconceito linguístico” (BAGNO, 2007b) e, embora esteja relacionada com a expressão oral ou escrita, apresenta raízes nos preconceitos sociais relacionados principalmente às classes socioeconômicas que compõem a sociedade brasileira.

De acordo com Bagno (2007a), a heterogeneidade da língua está relacionada à heterogeneidade social. Assim, os diferentes “modos de falar” que podem ser percebidos na sociedade brasileira se relacionam a fatores sociais como o lugar de origem, a classe social, o gênero social, a escolaridade, a idade, dentre vários outros. Então, o preconceito linguístico não está relacionado à eficiência comunicativa e funcional das formas linguísticas não padrão, mas às características sociais associadas aos indivíduos que, em tese, as utilizam. Contribui para isso, também, a forte tradição gramatical que existe no ensino de língua portuguesa no Brasil. No entanto, esse comportamento tem sido combatido e a forma de lidar com a variação linguística no ambiente escolar tem sido revista.

Os PCN destacam que o ensino de língua portuguesa deve oferecer condições para que o aluno possa: (1) “ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais”; (2) “expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo

imediatos”; e (3) “refletir sobre fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua” (BRASIL, 1998, p. 59). Todos esses objetivos conduzem à conclusão de que a proposta de ensino de língua portuguesa é pautada no desenvolvimento de competências comunicativas do aluno.

O conceito de competência comunicativa, segundo Bortoni-Ricardo (2004), é uma proposta de Dell Hymes, que amplia o conceito de competência linguística proposto por Noam Chomsky. A autora explica que, ao fazer uso da língua, “o falante não só aplica regras para obter sentenças bem formadas [competência linguística], mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73). Assim, o falante pode monitorar seu estilo e saber o que e como dizer algo em determinada circunstância.

No entanto, Antunes (2003, p. 31) destaca que o trabalho com a gramática no ensino de português, dentre algumas outras características, tem se concentrado em “uma gramática descontextualizada, [...] desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita e falada na comunicação do dia-a-dia” e “sem considerar o que faz parte dos usos reais que os grupos mais escolarizados de falantes e escritores da atualidade adotam” (p. 33). Como é possível observar, a autora aponta como o ensino de gramática está desconectado da utilização dos recursos linguísticos. Nesse sentido, a língua ensinada na escola é estática e homogênea.

Sobre as relações entre fala e escrita, Fávero, Andrade e Aquino (2012) destacam que, em geral, os estudos linguísticos apontam a língua falada como uma forma primária de comunicação e a escrita como derivada desta. Diversos autores adotam esse posicionamento devido ao próprio desenvolvimento da fala, que precede o desenvolvimento da língua escrita e prescinde de um ensino formal e pedagogicamente orientado. No entanto, as gramáticas e parte dos professores de língua portuguesa “tratam a relação entre fala e escrita tendo como parâmetro a língua escrita” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 12).

Como destacou Antunes (2003), as relações entre fala e escrita e suas adequações aos contextos comunicativos são abordadas em aulas direcionadas ao ensino de gramática. Entretanto, a variação linguística está presente tanto na fala quanto na escrita. Então, esse tópico deve ser abordado em todas as aulas, inclusive nas aulas direcionadas ao desenvolvimento de estratégias de produção textual.

Nesse sentido, é preciso repensar a forma como a avaliação da produção textual do aluno é desenvolvida pelo professor. Sobre essa questão, Antunes (2006) ressalta que a avaliação da produção, muitas vezes, foca em destacar os erros cometidos pelo aluno. Então, a autora propõe que

se destaque também o que foi aprendido, para que a avaliação se torne um momento de reflexão sobre a aprendizagem. Além disso, a autora propõe parâmetros para avaliação a partir de três elementos: (1) os linguísticos, (2) os de textualização e (3) os da situação. A variação linguística, assim, seria contemplada nos elementos situacionais envolvidos na produção textual do aluno.

Por fim, o trabalho de Bagno (2013) apresenta um panorama interessante sobre como os livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2008, voltados para o ensino fundamental, abordam a variação linguística. O autor analisou 24 coleções de 5ª a 8ª série, o que corresponde, atualmente, ao segmento do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, totalizando 96 livros didáticos. De maneira geral, o autor aponta para um “desequilíbrio metodológico interno” das obras, tendo em vista que o trabalho com leitura é feito com base em um processo construtivo-reflexivo e o trabalho com produção textual propõe uma reflexão sobre o uso situado da língua, mas o trabalho com análise linguística ainda se prende a uma perspectiva tradicional de transmissão de conhecimentos e aprendizado de nomenclaturas.

O autor propõe ainda um “jogo dos sete erros” em que são pontuados aspectos gerais que, segundo Bagno (2013), são problemas que ainda precisam ser melhorados. Os “erros” são: (1) a falsa sinonímia entre norma culta e norma padrão; (2) a desconsideração da variação estilística; (3) o tratamento da norma padrão como uma variedade da língua; (4) a relação entre variação linguística e o falar “caipira”; (5) o tratamento da língua escrita como ideal de expressão linguística; (6) a falsa ideia de que só a norma padrão apresenta regras; e (7) as atividades de “passar para a norma culta”. Esses “erros” destacados por Bagno (2013) reforçam o posicionamento de outros autores citados aqui, como Antunes (2003, 2006), Bortoni-Ricardo (2004) e Fávero, Andrade e Aquino (2012), sobre a necessidade de rever o posicionamento dos professores de língua portuguesa sobre o ensino de língua e sobre o fenômeno da variação.

Aspectos metodológicos

Este trabalho apresenta natureza qualitativa, adotando uma metodologia descritiva para investigar o tratamento pedagógico da variação linguística nas atividades de produção textual de um livro didático de português. Dessa forma, buscou-se, inicialmente, a fundamentação teórica em trabalhos da área de Sociolinguística relacionados ao ensino de língua portuguesa (BAGNO, 2007a, 2007b, 2013, 2017; BORTONI-RICARDO, 2004), bem como da área de ensino de produção textual (ANTUNES, 2003, 2006; FÁVERO, ANDRADE, AQUINO, 2012).

Em relação ao livro didático selecionado, a escolha da obra “Português: trilhas e tramas” (SETTE *et al.*, 2016) se deve ao fato de pertencer à lista de obras indicadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018, tendo sido adotado por várias escolas de ensino médio do município de Fortaleza/CE.

A obra encontra-se dividida em quatro partes: (1) “Integrando linguagens”, em que são abordados aspectos mais gerais sobre a língua e as linguagens; (2) “Literatura e leitura de imagens”, na qual se trabalha o texto literário e a linguagem visual; (3) “Gramática e estudo da língua”, que trata dos aspectos formais da língua portuguesa, das classes gramaticais e da variação linguística; e (4) “Produção de textos orais e escritos”, em que são trabalhados seis gêneros textuais e a redação do Enem.

Inicialmente, empreendeu-se a leitura do “Manual do professor” presente na obra entre as páginas 353 e 426. Essa leitura foi necessária para compreender a concepção de variação linguística adotada pelas autoras e que embasa a proposta de ensino de língua portuguesa da obra. Em seguida, analisou-se o foco da atividade relacionada diretamente à variação linguística, apresentada na terceira parte do livro, entre as páginas 204 e 211, para identificar se há indícios de preconceito linguístico ou indicações de correção de variantes.

Por fim, foi feita a análise das seis atividades de orientação para a produção textual. Optou-se por não analisar o capítulo sobre a redação no ENEM devido às características da produção textual do próprio exame: uma das competências analisadas é o domínio da norma culta e não há indicação de gênero textual para produção. O Quadro 1, a seguir, apresenta os gêneros abordados por cada capítulo e situa as atividades analisadas.

CAPÍTULO	GÊNERO	PÁGINAS
27	Crônica humorística	305-306
28	Debate	312-314
29	Manifesto	320
30	Reportagem	325-326
31	Carta de leitor	334-335
32	Resumo	343-344

Quadro 1 – Panorama das atividades analisadas.
Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir desses dados, foram feitas as análises das orientações para a produção textual e a discussão dos resultados obtidos, visando ao alcance do objetivo geral desta pesquisa.

Análises e discussões

Inicialmente, é interessante destacar as indicações e orientações presentes no “Manual do professor” da obra. Em relação à produção textual, a obra se propõe orientar o trabalho com uma diversidade de gêneros textuais (orais e escritos) e separa um capítulo para abordar aspectos pertinentes à redação do ENEM. O manual ainda apresenta uma proposta de quadro de avaliação da produção textual que o professor pode adaptar e compartilhar com os alunos. No Manual, as autoras ainda destacam que o professor deve orientar o trabalho de revisão dos textos produzidos pelos alunos e que esse processo não se configura como um simples “passar a limpo”. Por fim, descreve a organização da atividade de produção textual, tópico abordado a seguir ao tratar das atividades de produção analisadas.

As autoras abordam o fenômeno da variação linguística no tópico “Oralidade e variedades linguísticas” (SETTE *et al.*, 2016, p. 366-368). Assim, percebe-se que há uma forte relação, na visão das autoras expressa no Manual de sua obra, entre a expressão oral e a variação linguística. Um dos objetivos destacados para o trabalho com esses aspectos é “refletir sobre a presença de marcas de oralidade nos gêneros escritos” (SETTE *et al.*, 2016, p. 366). Até o momento, parece haver, na visão das autoras, uma ligação entre língua falada e variação e da escrita como expressão homogênea e livre de variação.

Ao abordar o capítulo 17, “Variedades linguísticas”, ainda no Manual, as autoras afirmam que os objetivos do capítulo são: (1) “apreender e compreender o conceito de variação linguística”; (2) “refletir sobre o português brasileiro, as diferentes variedades linguísticas (de registro, histórica, sociocultural, de faixa etária, regional ou geográfica etc.) e compreender seus usos dependendo do contexto e da situação”; (3) “refletir criticamente sobre a adequação dessas variedades à situação de uso da língua, sem preconceitos”; (4) “distinguir diferenças entre linguagem formal e linguagem informal e perceber sua adequação às diversas situações de uso”; (5) “identificar marcas das variedades em textos de diversos gêneros de circulação social”; e (6) “compreender e aprender a função e o uso de sinais de pontuação e recursos gráficos: aspas, reticências, parênteses, travessão, itálico e negrito” (SETTE *et al.*, 2016, p. 414).

Sobre esses objetivos, o objetivo 6 foi encaixado no capítulo, mas não apresenta relação direta com os demais e com o tópico do capítulo. Os outros cinco objetivos estão alinhados com o tema da variação, propondo um trabalho reflexivo e contextualizado sobre a variação linguística. Dessa forma,

de acordo com o Manual, a obra propõe um trabalho alinhado às propostas dos PCN e às reflexões dos autores citados, mesmo com alguns indicativos de possíveis desvios. No entanto, é necessário observar como esses objetivos e propostas se concretizam nas atividades da obra.

Em relação ao capítulo 17, existem quatro seções intituladas: “Na bagagem”, “Nas trilhas do texto”, “Palavras na lupa” e “Passos largos”. A primeira seção apresenta um trecho de um poema de Oswald de Andrade e uma série de perguntas para fomentar a discussão sobre as variedades linguísticas conhecidas pelos alunos. Nas orientações para o professor, a obra indica que o professor deveria iniciar pela leitura do fragmento de poema e levar os alunos a refletir sobre a relação entre língua e sociedade e sobre como a língua utilizada pelo falante com prestígio social é valorizada e a língua usada pelos falantes sem prestígio social é estigmatizada.

Essa reflexão inicial prepara os alunos para a leitura do texto principal do capítulo, um fragmento de “A língua de Eulália”, de Marcos Bagno¹. As questões de 1 a 4 buscam trabalhar o conceito de norma-padrão, os argumentos utilizados no texto e o conceito de mito. Na questão 5, o aluno é apresentado a mais um texto, intitulado “Caldeirão de povos”, que se trata de uma matéria de Daniel Russo Bugierman² publicada na revista “Superinteressante”. A partir dessa leitura, o aluno é questionado a respeito da miscigenação linguística ocorrida no Brasil que contribuiu para a diferenciação entre o português brasileiro e o português europeu.

Dessa forma, embora trabalhem o conceito de norma padrão, de mito e de relações históricas entre a sociedade e as características linguísticas do Brasil, trata-se de uma atividade essencialmente interpretativa. A reflexão sobre a variação ocorre pontualmente e estava mais presente na primeira seção do capítulo.

A terceira seção, “Palavras na lupa”, apresenta um quadro sobre as funções de sinais de pontuação e de recursos gráficos. Em seguida, há duas questões que abordam a identificação da função desempenhada pela pontuação ou pelos recursos gráficos em determinados trechos dos textos anteriores, como os itens transcritos a seguir: “a) Qual é a função do itálico em ‘variedades geográficas’?”, “b) Que outro recurso gráfico poderia ter sido utilizado com o mesmo fim?”. Assim, não há, como dito anteriormente, relação entre este tópico e o tema do capítulo.

Por fim, na seção “Passos largos”, são propostos 4 textos para leitura e identificação de variedades linguísticas. O primeiro texto é uma tirinha e trata do diálogo entre dois adolescentes, portanto, a variação teria ligação com a faixa etária. O segundo é um trecho de uma reportagem sobre

¹ BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

² BUGIERMAN, Daniel Russo. Falamos a língua de Cabral?. **Superinteressante**, São Paulo: Abril, p. 48, abr. 2000.

o setor empresarial e *coaching* da revista digital Exame.com, da Editora Abril. Nesse caso, a variação teria ligação com a atividade profissional envolvida. O terceiro texto é um trecho de um conto de Simões Lopes Neto, contista gaúcho, assim, trata-se de uma variação regional, relacionada ao Rio Grande do Sul. O último texto foi extraído de um dicionário da língua paraense, de Raymundo Mário Sobral, portanto, trata-se de outra variação regional, dessa vez ligada ao Pará.

Essa atividade pode, se direcionada pelo professor, levar o aluno a refletir sobre a riqueza de formas linguísticas do português, sobre a eficácia comunicativa dessas formas linguísticas em variação e sobre sua funcionalidade expressiva e identitária. No entanto, o conjunto das atividades não leva a esses questionamentos. Não há pergunta ou item que levante estas reflexões, cabendo ao professor fazê-lo.

Em relação às atividades de produção textual, os capítulos destinados ao estudo de gêneros textuais apresentam estrutura semelhante ao capítulo 17 descrito anteriormente. Há quatro seções, a saber, (1) “Na bagagem”, com questões iniciais sobre o gênero a ser estudado e produzido para discussão oral no início da aula; (2) “Nas trilhas do texto”, com exemplares dos gêneros abordados em cada capítulo e apresentação de suas características; (3) “Palavras na lupa”, com foco em aspectos específicos de ortografia ou de estrutura sintática; ou “Passos Largos”, com outro exemplar do gênero abordado e com alguns questionamentos sobre as características identificadas no exemplar; e (4) “Produção de textos”, com a proposta de produção e as orientações sobre o processo a ser seguido.

O foco da presente pesquisa foi esta última seção dos capítulos, pois ela efetivamente propõe ao aluno uma situação de produção textual. Essa atividade apresenta um texto inicial com o problema motivador para a produção seguido de quatro passos que organizam o processo de elaboração, produção e socialização dos textos dos alunos (Quadro 2). As partes do processo foram nomeadas da seguinte forma: (1) “Pesquisa e preparação” ou “Preparação”, (2) “Realização”, (3) “Avaliação e reescrita” ou “Avaliação” e (4) “Socialização”. Apenas o capítulo 28 que trata sobre o debate propõe cinco passos, sendo a “Pesquisa” e a “Preparação” passos separados.



Manifesto de sua comunidade

Você e um colega vão escrever um manifesto sobre um problema real de sua comunidade. Seu texto será publicado na página da turma em uma rede social, para que pessoas de fora da escola também possam lê-lo.

Pesquisa e preparação

Leia outros manifestos para ampliar seu repertório e respeito do gênero:

- Manifesto do Movimento por um Brasil literário. Disponível em: <<http://www2.brasilliterario.org.br/pt/manifesto/o-manifesto>>.
- Manifesto do S.O.S. Mata Atlântica. Disponível em: <<https://www.sosma.org.br/quem-somos/manifesto-2/>>.
- Manifesto do Comitê Brasil em Defesa das Florestas e do Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <<http://www.florestafazadiferenca.org.br/manifesto/#sthash.MPh322v1.dpuf>>.
- Manifesto dos estudantes que ocupam a escola Fernão Dias Paes. Disponível em: <<http://www.passapalavra.info/2015/11/106785>>.
- Manifesto de intelectuais e artistas em apoio às escolas. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2015/12/03/manifesto-de-intelectuais-e-artistas-em-apoio-as-escolas/>>. Acesso em: 9 jan. 2016.

Realização

1. Com um colega, definam um problema relevante na escola, no bairro ou na cidade em que vocês vivem que, na opinião de vocês, deve ser denunciado para alertar a população e conclamá-la a agir para solucionar o problema.
2. O manifesto deve apresentar os seguintes elementos:
 - **título:** apresentando o conteúdo do manifesto.
 - **desenvolvimento:** identificação e exposição do problema; apresentação de argumentos para validar o que se expõe.
 - **conclusão:** instruções de possíveis ações para solucionar o problema.
3. Vocês devem:
 - empregar, no texto, palavras e expressões adequadas para articular as ideias.
 - usar as variedades urbanas de prestígio.

Avaliação e reescrita

1. Troquem o manifesto entre a dupla, para cada um observar no texto do outro se as instruções dadas anteriormente foram seguidas.
2. Façam os ajustes necessários.
3. Em seguida, digitem o texto e assinem-no.

Socialização

1. Organizem a página de manifestos da turma em uma rede social.
2. Publiquem os textos de todos os alunos nessa página.
3. Divulguem a página para outros alunos da escola, funcionários e para seus familiares e amigos.

Quadro 2 – Exemplar de atividade analisada.

Fonte: Sette *et al.* (2016, p. 320).

Como é possível observar, o trabalho com a produção é bastante complexo e exige uma preparação do aluno que envolve o contato com vários exemplares do gênero a ser produzido. Outro aspecto positivo a ser destacado é a relação que a proposta de produção estabelece com a realidade dos alunos, bem como com a necessidade de fazer circular as produções feitas em sala de aula.

Quanto à abordagem da variação linguística, é necessário observar dois pontos das orientações

dadas na atividade acima. No momento de realização da atividade, uma orientação dada ao aluno é a de utilizar “as variedades urbanas de prestígio”. Embora utilize uma nomenclatura adequada, essa orientação carece de explicações ao aluno. Portanto, seria necessário ao professor esclarecer como se usa essa variedade, a que características linguísticas o aluno deve prestar atenção.

Já no momento de “Avaliação e reescrita”, orienta-se a observação do cumprimento das instruções e a realização de “ajustes necessários”. Novamente, as instruções são vagas e o que se quer dizer com ajustes, na maioria dos casos, é correção de aspectos gramaticais seguindo a norma padrão. No entanto, optou-se por não incluir essa orientação devido à ausência de orientação específica envolvendo a variação linguística. Após levantamento de todas as atividades, destacam-se, no Quadro 3, as orientações a seguir:

GÊNERO	ORIENTAÇÕES DESTACADAS
Crônica humorística (Gênero escrito; Presença de diálogo)	Realização 5. A linguagem deve estar adequada à situação vivenciada e à faixa etária das personagens; 7. Dependendo da situação e do contexto, você pode também usar gírias e expressões coloquiais. Avaliação 3. A linguagem é adequada à situação, assim como às características das personagens?
Debate (Gênero oral)	Realização 3. Procurem usar a variedade urbana de prestígio e os modalizadores adequados no momento da fala. Avaliação 5. A linguagem usada foi adequada à situação?
Manifesto (Gênero escrito)	Realização 3. Vocês devem usar as variedades urbanas de prestígio.
Reportagem (Gênero escrito; Retextualização de entrevista oral)	Realização 3. Fiquem atentos para não modificar o sentido das falas dos entrevistados. Não alterem o conteúdo e respeitem a linguagem empregada por eles. 7. Usem linguagem formal, clara e objetiva. Avaliação 4. Usamos a linguagem adequada?
Carta de leitor (Gênero escrito)	Realização 3. Use linguagem formal.
Resumo (Gênero escrito)	Realização Redijam com objetividade e clareza, utilizando linguagem e vocabulário adequados. Avaliação As normas da modalidade escrita da língua foram usadas adequadamente?

Quadro 3 – Orientações das atividades de produção textual.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Basicamente, as orientações para a produção textual apontam para a adequação das formas linguísticas ao contexto e à situação de comunicação. A obra segue, portanto, a orientação geral dos PCN de desenvolver as competências comunicativas dos alunos. No entanto, é necessário observar

alguns detalhes sobre as ideias subjacentes sobre fala e escrita que essas orientações apresentam.

A maior parte dos gêneros abordados pelo livro é composta por gêneros escritos e, portanto, as autoras orientam o uso da variedade urbana de prestígio. O único gênero oral, o “debate”, por se tratar de um gênero de estilo mais monitorado, exige que a fala seja planejada e siga as normas prestigiadas de expressão linguística. Dessa forma, parece não haver espaço para a manifestação de expressões regionais ou coloquiais nessas propostas de produção textual.

De fato, uma das orientações dos PCN é o desenvolvimento de habilidades linguísticas para situações formais, distantes do cotidiano da maioria dos alunos brasileiros. Ao abordar o gênero “resumo”, no entanto, a orientação de avaliação não cita “as normas urbanas de prestígio”, mas “as normas da modalidade escrita da língua”, dando a entender que a expressão escrita é em sua essência homogênea, seguindo as normas da gramática tradicional.

Ao observarmos os gêneros que apresentam alguma relação com a fala espontânea, “crônica humorística” e “reportagem”, um dado interessante aparece. O gênero “crônica humorística” deveria apresentar um diálogo entre as personagens e, nessas falas, os alunos poderiam utilizar “gírias ou expressões coloquiais” que se adequassem à situação. No gênero “reportagem”, que deveria apresentar trechos de alguma entrevista oral feita pelos alunos, a linguagem empregada pelo entrevistado deveria ser respeitada no momento de transposição para a modalidade escrita.

Essas orientações deixam transparecer que a fala espontânea é o ambiente propício para se encontrar a variação linguística, pois apenas nesses contextos é permitido o uso de expressões coloquiais ou gírias. Essa concepção já estava anunciada na análise feita do “Manual do professor”, quando as autoras tratam de variedades linguísticas e oralidade em um mesmo tópico.

Dessa forma, ao abordar a variação linguística em suas atividades de produção textual, a obra selecionada comete dois dos “erros” apontados por Bagno (2013). Primeiro, ao adotar um posicionamento de valorização e idealização da língua escrita em detrimento da fala, a obra comete o “erro” de tratar a língua escrita como ideal de expressão linguística, sem espaço para a variação e para o diferente. Segundo, ao adotar essa postura, comete o erro de desconsiderar a variação estilística, isto é, a monitoração do estilo e da atenção à expressão linguística presente tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, retirando, assim, diversas possibilidades de uso expressivo da língua em ambas as modalidades.

Considerações finais

Neste ponto, é interessante retomar alguns aspectos da pesquisa aqui reportada, a saber, o objetivo geral, os procedimentos metodológicos adotados e os resultados obtidos. O objetivo geral desta pesquisa foi investigar a abordagem da variação linguística em atividades de produção textual de um livro didático de língua portuguesa voltado para o 1º ano do ensino médio.

Para tanto, foram descritas (1) a abordagem da variação linguística proposta pelo livro didático e expressa no “Manual do professor” da obra, (2) as atividades específicas de sobre o tema “variação linguística”, presentes no capítulo 17 e (3) as atividades de produção textual presentes no livro. Estas últimas foram analisadas com maior critério, buscando destacar as orientações para o tratamento da variação linguística em contexto de atividades de produção textual.

Em relação ao “Manual do professor”, verificou-se a presença do tópico “Oralidade e variedades linguísticas”. Esse tópico já anunciava uma postura de idealização da língua escrita enquanto expressão homogênea e sem espaço para a variação linguística.

Em relação ao capítulo 17, o texto principal do capítulo poderia levar a diversas reflexões, no entanto, é explorado em termos de interpretação textual e de elaboração argumentativa. As reflexões sobre variação, sobre normas linguísticas e sobre preconceito linguístico, portanto, ficam a cargo do professor, havendo pouco espaço nas atividades propostas para essas reflexões.

Em relação às atividades de produção textual, observou-se a valorização da linguagem escrita em detrimento da linguagem falada, havendo apenas um gênero oral, o “debate”. As orientações específicas para a realização e para a avaliação da produção textual deixam transparecer que a escrita é, em sua essência, normativa e homogênea, enquanto a fala espontânea presente nos gêneros “crônica humorística” e “reportagem” podem apresentar expressões coloquiais e gírias.

Sob a ótica dos “erros” em relação ao tratamento da variação linguística propostos por Bagno (2013), a obra analisada comete os seguintes “erros”: a desconsideração da variação estilística e o tratamento da língua escrita como ideal de expressão linguística. De certa forma, pode-se considerar um avanço, tendo em vista que cinco, dos sete “erros”, não foram encontrados e dez anos separam as obras analisadas por Bagno (2013) e o livro analisado nesta pesquisa.

A hipótese de pesquisa apresentada indicava a existência de aspectos das atividades a serem discutidos, como a relação estereotipada entre a norma padrão e a escrita e a orientação de eliminar coloquialismos. A hipótese foi confirmada em parte, tendo em vista que a obra apresenta uma postura de valorização e idealização da escrita como expressão da norma de prestígio, mas não apresenta expressamente a orientação de eliminar as marcas de oralidade e expressões coloquiais.

É importante destacar que a obra também deixa de lado os regionalismos, por exemplo, que



tanto enriquecem o português do Brasil, ou o “internetês”, presente nos gêneros digitais. Essas variações poderiam ser exploradas em um manifesto, em uma crônica, em uma reportagem, em um resumo de filme. Enfim, cada variação diferente poderia se manifestar em diferentes gêneros e contribuir para a formação e para a reflexão dos alunos sobre o fenômeno.

Vale ressaltar, ainda, que a análise da obra aqui apresentada é apenas um recorte específico do livro e não desmerece o trabalho e o esforço das autoras. É possível que, nas outras duas obras da coleção, sejam observados outros aspectos, positivos ou negativos, em relação ao tratamento da variação linguística, ficando aqui uma sugestão para futuras pesquisas envolvendo esse tema especificamente.

Por fim, é imprescindível destacar a importância da formação dos professores de língua portuguesa para o trabalho com as questões que envolvem a variação linguística. Os resultados apresentados aqui apenas reforçam a necessidade de um profissional capaz de adaptar as atividades dos livros didáticos à sua realidade e de criar situações que promovam um aprendizado significativo.

Referências

- ANTUNES, Irlandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. *In*: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 163-180.
- _____. **Aula de português**: encontro & interação. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. Por que estudar uma gramática brasileira?. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). **O todo da língua**: teoria e prática do ensino de português. São Paulo: Parábola Editoria, 2017. p. 97-121.
- _____. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- _____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a.
- _____. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. 48. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Brasília, 2007.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lucia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. D. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- SETTE, Graça *et al.* **Português**: trilhas e tramas. V. 1. 2. ed. São Paulo: Leya, 2016.

Submissão: agosto de 2020

Aceite: dezembro de 2020